



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**LITERATURA E MOVIMENTO NORTISTA: GUSTAVO  
BARROSO, O ESTUDO SOBRE O SERTANEJO E SUA  
FORMAÇÃO COMO AUTÊNTICOMODELO DE HOMEM  
NACIONAL**

SÃO CRISTOVÃO/SE

2017

**RUAN MARCEL LIMA RIBEIRO**

**LITERATURA E MOVIMENTO NORTISTA: GUSTAVO BARROSO, O ESTUDO  
SOBRE O SERTANEJO E SUA FORMAÇÃO COMO AUTÊNTICO MODELO DE  
HOMEM NACIONAL**

Artigo científico apresentado para a disciplina:  
Prática de Pesquisa Histórica, sob orientação  
do Prof. Dr. Marcos Silva.

SÃO CRISTOVÃO/SE

2017

## SUMÁRIO

Introdução.....	06
O Itinerário de um Sertanista.....	08
A formação do Ideário Regionalista.....	11
O Sertão de Alencar.....	13
O Olhar Cientificista Empregado na Formatação do Sertão, o Realismo de Rodolfo Teófilo.....	17
A Literatura Barroseana e o Sertão.....	20
Considerações Finais.....	29

**LITERATURA E MOVIMENTO NORTISTA: GUSTAVO BARROSO, O ESTUDO SOBRE O  
SERTANEJO E SUA FORMAÇÃO COMO AUTÊNTICO MODELO DE HOMEM NACIONAL**

Ruan Marcel Lima Ribeiro<sup>1</sup>

Marcos Silva<sup>2</sup>

**RESUMO**

No século XIX o romantismo tornou-se um modelo literário bastante popular, na tentativa de criar uma personalidade autenticamente nacional, diversos autores usaram o índio como referência para este homem. No decorrer das décadas seguintes, surgiu no norte do país um movimento regionalista nortista no qual buscaram no sertanejo esta figura dotada de valores únicos que fizessem do brasileiro um ser diferenciado dos padrões europeus. Rodolfo Teófilo, José de Alencar, Franklin Távora e diversos outros nomes da literatura brasileira foram de fundamental importância para a popularização da literatura nortista e estes foram referências para Barroso construir o seu olhar sobre a temática, e foi neste contexto que Gustavo Barroso surge como um forte nome neste movimento. Rompendo com o tradicionalismo romântico, o mesmo traz uma nova perspectiva sobre o sertão e seu homem, fundamentando suas teses com conceitos filosóficos, sociológicos, históricos e biológicos de diversos estudiosos como Thaine e Stendhal, assim tornando muito mais profunda a análise do sertão, do cangaço e do banditismo, se firmando assim como uma forte referência nesta temática, mas que no decorrer de sua vida, em fator do seu posicionamento político dentro do movimento Integralista, acabou sendo exilado dos estudos históricos dentro da academia.

**PALAVRAS-CHAVE:**Sertão; Banditismo; Romantismo, Sertanejo; Cangaço;  
Banditismo; Gustavo Barroso.

**ABSTRACT**

In the XIX century the romantism has become a literary model really popular, and trying to create a character autenticly national, many writers used the brazilian native people as a reference to this character. Wicth the passing of the following decades, emerged in the north of the country a regionalist nortistmovement witch searched in the sertanejo this figure full of unic virtues that made the brazilian man different from the european model. Rodolfo Teófilo, José de Alencar, Franklin Távora and many other names of the Brazilian Literature had a fundamental importance to the popularization of the nortist literature, and they were a reference to Barroso to build his perspective about the subject matter, and was in this context that Gustavo Barroso emerged as a strong personality in this moviment. Breaking up with the romantic tradicionalism, Gustavo Barroso brings a new perspective about the sertão and their native man, grounding his thesis with philosophical, sociological, historical and biological concepts from many others personalities as Thaine and Standal, doing a really complex

---

<sup>1</sup>Graduando em História (UFS) / ruanribeiroufs@bol.com.br

<sup>2</sup> Professor do Departamento de História (UFS) / silva.marcos@uol.com.br

analysis of the sertão, cangaço and banditismo, becoming this way a strong reference in this subject matter, but in the passing of his life by the fact of his politic perspective inside the Integralistmovement, has been exilated from the historic researchs inside the academy.

**KEYWORDS:** Romanticism; Cangaço; Brazilian Literature; Gustavo Barroso.

## Introdução

Durante o século XIX, surge no brasileiro a necessidade da formação de uma fórmula literária genuinamente nacional. Diversos escritores buscaram no índio esta figura que representasse um indivíduo autenticamente brasileiro. Desta necessidade se fez o romantismo, modelo literário que visava suprir esta necessidade citada.

O índio surge como um personagem típico que cumpre com a necessidade de um ser nacional forte e dotado das mais valiosas características. O Guarani pode ser citado como uma destas obras e, através do índio inserido nestes romances, é que estes grandes autores buscavam romper com os costumes literários europeus.

Com o passar dos anos um grupo de intelectuais oriundos do nordeste, passam a ver no sertanejo a verdadeira figura de um homem nacional, buscando através da mescla racial formar uma raça composta de características únicas e que eram ressaltadas nestas obras, sempre trabalhando a dualidade entre o brasileiro e o português para que neste contexto despertasse nos leitores um nacionalismo e regionalismo. Deste se fez o movimento literário romântico nortista.

Em José de Alencar encontro uma obra de fundamental importância para compreender como se deu o sertanismo no decorrer do século XIX. A obra O Sertanejo foi publicada em 1875, após a ascensão do modelo romântico. No livro, Alencar constrói um enredo focado em uma aventura que ocorre dentro do território nordestino, onde paralelamente um romance se desenvolve, uma disputa amorosa por uma bela moça, e neste que surge o espaço para a exploração da personalidade do protagonista Arnaldo Loureiro, mostrando assim nele as características do homem do sertão, numa tentativa de idealiza-lo como uma pessoa de respeito ao meio natural, valentia em quaisquer ocasiões, característica que posteriormente iremos buscar entender em outras obras além de O Sertanejo.

Outro tópico qual direciono esforços para tentar compreender a sua essência literária e o seu poder de influência perante as novas obras que viriam a surgir, é o livro A Fome, do fãrmaco Rodolfo Teófilo. O livro, publicado em 1890, já abraçava outra escola literária, mas ainda conservava em sua essência algumas notas do romantismo, ficando assim conhecida como obra de caráter naturalista e romântica. Neste, o literato usou o meio e o

homem com outra finalidade além daquela velha premissa doutros autores. Agora o objetivo basilar de Teófilo era criar uma obra que remetesse ao valor sertanejo, explorasse a realidade consequente do clima e desta junção se fizesse uma crítica político social, mas com uma linguagem direcionada ao modelo mais científico que expusesse as mazelas da realidade das secas que a tempos castigam aquela grande faixa territorial.

Além destes, busco em autores como Franklin Távora, Euclides da Cunha e Visconde de Taunay, referencial para a literatura nortista. Em *O Cabeleira*, obra do cearense Franklin Távora, encontro uma característica singular em comparação aos demais autores regionalistas da época. O mesmo foi pioneiro no que conhecemos como romance do cangaço, tratando da história de um indivíduo para que deste venha a ser compreendido como se deu o ingresso do mesmo no banditismo, assim trazendo a violência deste, mas como de caráter moralista, também remete a bondade oculta dentro do mesmo.

Neste texto, busco criar uma leve biografia de Gustavo Barroso, tentando entender a sua infância, como nele se desenvolveu o amor pelo sertão e como o meio de estudiosos qual frequentava veio a influenciá-lo na vida intelectual para que posteriormente junto com o amor pela cultura local, viesse a tornar-se um literato de renome no que concerne ao viés nortista iniciado no século XIX.

Realizo também uma análise de algumas de suas obras, tendo como foco *Terra de Sol*, publicada em 1912 e *Heróis e Bandidos*, este publicado em 1917 e que pode ser um complemento da primeira citada em um prelúdio ou um estudo muito próximo do que veríamos em *Almas de Lama* e de *Aço*, obra publicada em 1928.

Nestas obras busco capturar a essência literária de Barroso, compreender quem o influenciou no seu método de escrita, além de uma tentativa de trazer à tona as suas características mais marcantes, justamente por não trabalhar apenas com um romance fictício, mas sim por ser grande explorador de fontes documentais escritas e orais. Outro fato além desses, é de ter como arma para tentar consolidar como verdade os fatos que traz em suas obras, o argumento de que muito do que expõe em páginas de seus livros, ser um retrato do que vivenciou enquanto jovem e durante sua atuação no meio político local. Todas estas características fazem de Gustavo Barroso um objeto de estudo relevante para compreensão da nossa literatura nordestina.

## **O Itinerário de um Sertanista**

Nascido em Fortaleza, no dia 29 de dezembro de 1888, Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, foi filho de Antônio Felino Barroso e Ana Guilhermina Dodt Barroso. Este em sua passagem por esta terra exerceu diversas funções, graças ao seu grandioso leque de habilidade, estes que o fizeram um homem de destaque nas funções a que viera a exercer.

Em toda sua vida, atuou nos mais diversos cargos. Assumiu a função de professor, advogado, político, tendo executado diversas missões diplomáticas, escritor, onde nesta o mesmo ficou conhecido como o maior ou um dos maiores escritores do país, produzindo uma quantidade que está entre 116 e 136 obras, concorrendo ombro a ombro com seu amigo Coelho Neto, cronista, romancista, teatrólogo, folclorista, historiador, contista, museólogo, biógrafo, memorialista, crítico, ensaísta, lexicógrafo, poeta, desenhista, caricaturista e especialista em heráldica.

Seu pai, Antônio Felino Barroso, foi tabelião e dono de cartório, homem culto e que por suas vastas qualidades estava inserido em um grupo de jovens intelectuais que andavam juntos ao redor de Rocha Lima. Deste grupo também faziam parte outros grandes intelectuais quais não podem ser esquecidos. Dentre eles, o historiador e jurista Capistrano de Abreu, Araripe Jr. Xilderico de Faria, Frederico Borges e Thomas Pompeu. Este grupo do qual participaram estes intelectuais cearenses, mergulhando profundamente na fonte do positivismo, do evolucionismo oriundo das ideias de Charles Darwin e do materialismo histórico; este grupo que se autodenominava Academia Francesa, acalorou os dias da conservadora província da ainda pequena Fortaleza.

Sua mãe, a jovem Ana Guilhermina Dodt Barroso, nasceu na Alemanha e por seu pai, Gustavo Luiz Guilherme Dodt, ser engenheiro, através de um contrato para realização de obras públicas no Brasil decidiu permanecer nesta terra. Ana Guilhermina faleceu sete dias após dar a luz ao jovem Gustavo Barroso, assim deixando órfão o pequenino Gustavo e seus outros dois irmãos mais velhos.

Em seus livros de memórias, Gustavo Barroso sempre cita seu pai como um grande homem, este qual Gustavo mostrava enorme admiração e pode ser possível ver nessa admiração paternal o motivo pelo qual se fez a sua personalidade.

Seu pai comprou ao seu avô o sítio Baixa-Preta, situado no arrebalde do Benfica, atualmente um bairro próximo ao velho centro de Fortaleza, em terrenos que hoje são ocupados pela Universidade Federal do Ceará. Foi ali onde o jovem Gustavo Barroso passava todas as suas tardes alimentando alguns gatos e um jumento, além de observar o seu pai, este que foi oficial na guerra do Paraguai, e creio que por este motivo se fez a sua admiração pelas forças armadas brasileiras e o seu nacionalismo exacerbado.

Gustavo Barroso por ser órfão, ficou sob a tutela do pai, mas logo foi morar com a vó e suas tias paternas. Fez as primeiras letras com as mesmas, aos nove anos matriculou-se no Parténon Cearense e foi lá que completou a sua formação de base para que logo no ano seguinte (1898) viesse a ingressar no Liceu do Ceará.

No ano de 1906, Gustavo Barroso concluiu o seu ensino secundário, e neste mesmo ano o mesmo pública no periódico cearense Jornal da república o seu primeiro artigo, no qual ele utilizou o seu primeiro pseudônimo literário; viria a se chamar Nautilus, fato este que ficara registrado em um de seus livros de memória.

Apesar da aspiração para carreira militar, por pressão de suas tias e para preservar o velho hábito familiar, em 1907 ingressa na Faculdade de Direito do Ceará, pensando que posteriormente sua vocação e desejo pela carreira militar viesse a se tornar fato concretizado. No mesmo ano o jovem ganhou destaque no meio cultural de Fortaleza, visto que o mesmo fundou o caricato jornal O Garoto (este que ficou sob sua direção até o mês de dezembro de 1908).

Gustavo Barroso ainda em sua juventude atuou fortemente na imprensa e nos meios culturais. Foi fundador de alguns jornais, assim como foi colaborador de muitos outros como O Unitário e O Colibri. Contribuiu para a criação de organismos culturais como o “Grêmio literário 25 de março”. Secretário da “Talma Cearense”, sociedade dramática do Centro Calíope, assim como também pertenceu à sociedade literária Clube Máximo Gorki. O nosso autor não ficou focado apenas na imprensa local, decidiu que poderia ser colaborador de periódicos de outras regiões e assim o fez. Atuou como colaborador para a imprensa da

Capital da república, tendo suas publicações estampadas em páginas do O Malho, Tico-Tico e A Careta, todos estes sob novo pseudônimo, agora João do Norte.

Em 1910 Gustavo Barroso decide se mudar para a capital deste país, e a sua participação no meio literário o fizeram ficar bastante conhecido, além do prestígio que a sua família ainda carregava por ter sido forte atuante na carreira política do Ceará.

A faculdade de Direito do Ceará, fundada pelo Presidente Nogueira Acioli, nasceu de sua ideia de Eduardo Studart, exposta a vários amigos durante um almoço no Hotel Internacional de Emilio Barrocio, Particular ao princípio, tornou-se, depois, oficial. Cursei tres anos de 1907 a 1909. De 1910 a 1911 conclui o curso na Faculdade livre do Rio de Janeiro, então um velho sobrado do Campo de Sant-Ana, depois incorporada à Universidade. Não perdi um ano. No primeiro, prestei exames na época normal. Nas outras, sem segunda época, porque os trabalhos de professor, desenhista, cenografo ou jornalista com que ganhava a vida não me permitiam frequentar aulas. Obtive sempre boas notas. Algumas vezes, as melhores. (...) Minha entrada na faculdade de Direito [do Ceará] não me deus as emoções da matrícula no colégio Parténon e no Liceu. Ela funcionava, em 1907, no andar térreo do prédio da Assembléa Estadual... Dirigia-a o Dr. Tomás Pompeu, filho do Senador Pompeu, homem de grande saber e eminente dignidade. (...) A política penetrára os umbrais da faculdade, dividindo os estudantes em campos rivais cheios de odio. Atraído desde muito cedo pela opposição, embora meu pai fosse amigo particular e sincero do velho Acioli, logo no primeiro ano do curso tomei atitude franca contra o governo.(Getúlio M. Costa, 1941, pp. 187, 203 e 205.)

Gustavo Barroso estabeleceu um relacionamento com autores de renome, um deles foi Coelho Neto, que era membro de destaque da Academia Brasileira de Letras. Como consequência do seu empenho veio a publicação da sua primeira obra literária, Terra de Sol – Natureza e Costumes do norte, este que foi lançado em 1912, ainda com 23 anos incompletos.

Em 1915 Gustavo Barroso decide concorrer ao pleito do mesmo ano, no qual é eleito Deputado Federal pelo Ceará, ficando no poder até o fim do seu mandato em 1917, visto que não obteve êxito na tentativa de reeleição.No ano seguinte vira diretor da aclamada revista Fon-Fon e lança mais uma grandiosa obra, Heróis e Bandidos, obra em que se faz um ensaio de análise histórica e sociológica do movimento do cangaço e do banditismo.

Nos anos seguintes, Gustavo Barroso continua a atuar nas mais diversas áreas. Com o fim da primeira Guerra, onde a Alemanha e seus aliados saem derrotadas após 4 anos de troca de poderios bélicos, forma-se a conferência de paz onde nesta seria assinado o Tratado de Versalhes, onde ficaria acordado as condições a serem obedecidas pelos derrotados. Gustavo Barroso se fez presente neste evento histórico atuando no cargo de Secretário da Delegação

Brasileira da Conferência de Paz, sendo chefiado pelo futuro presidente da república, Epitácio Pessoa.

Os três primeiros anos da década de 20 não foram muito corridos para o nosso autor. Neste pequeno intervalo de tempo o mesmo publica mais duas obras, entre estas duas está o livro *Ao Som da Viola*, este que foi reconhecido por muitos como o seu melhor estudo de folclore. Com o apoio do Presidente Epitácio Pessoa, Gustavo consegue realizar um grande feito, funda o Museu Histórico Nacional, um reflexo do seu amor pela história Nacional, onde o mesmo assume o cargo de direção desde a fundação até os últimos dias de sua vida (1959), fazendo a ressalva de que houve uma pequena interrupção na sua atuação, esta que ocorreu entre (1930-1932) tendo como causa a efervescente movimentação política pela qual o Brasil passava.

No dia 7 de maio de 1923, ocupa a cadeira de n. 19 da Academia Brasileira de Letras, cadeira esta que foi ocupada por Dom Silvério Gomes Pimenta. Na academia exerceu alternadamente os cargos de tesoureiro, de segundo e primeiro secretário e também de secretário-geral (1923, 1928, 1931 e 1949); nesta instituição ocupou também por duas vezes o cargo mais importante, tendo atuado como presidente durante os anos de (1932-1933, 1949-1950). Neste mesmo ano publica mais outra da sua vasta coletânea de livros, este um livro de estudos e crônicas *O Sertão e o Mundo*.

Em toda sua vida atuou nos mais diversos cargos, teve grande e relevante produção, não ficando restrito ao direito, mas buscando o conhecimento nas mais diversas áreas, faleceu em 1957, tendo sido exilado do meio literário brasileiro por seu posicionamento político a partir dos anos 30 ao ingressar a AIB ao lado de Plínio Salgado e Miguel Reale, ultimamente vem sendo estudado por um pequeno grupo de acadêmicos, mas ainda sofre preconceito no meio pelo contexto político que participou.

## **A formação do ideário regionalista**

Como descrito anteriormente em sua breve biografia, Gustavo Barroso, o mesmo como fruto do norte, sempre mostrou possuir uma grandiosa paixão pela sua terra mãe; não se restringindo a admiração das belezas naturais quais compunham grande parte de suas obras, mas também se mostrou grande admirador do homem do sertão e seus costumes, que segundo o mesmo é uma consequência de uma série de inúmeros fatores que atuam todas de forma conjunta como se orquestrada na configuração da personalidade e das características deste

povo que em suas obras são bastante exploradas, principalmente em seus livros de memórias. Nesse contexto se fez o grande autor como um dos maiores regionalistas existente na história do Brasil.

As longínquas terras desse deserto brasileiro foram bem exploradas durante o fenômeno do romantismo brasileiro, principalmente em sua terceira fase. Consequência de um contexto histórico considerado bastante expressivo para o Brasil, a independência da nossa vasta terra além-mar é o fato histórico que serve como o gatilho para o surgimento dos ideais que viriam a desembocar na gênese do movimento romântico. A tentativa de se afastar da cultura portuguesa, o aflorar de um sentimento fortemente anti-lusitano e a tentativa de consolidação de uma identidade nacional que funcionasse como um procedimento cirúrgico que rompesse o cordão umbilical entre Brasil e Portugal, a rejeição ao colonialismo que fomos submetidos durante séculos, esta era a priori a principal ideologia oriunda do movimento literário romântico brasileiro.

Essa rejeição não remetia apenas a imagem do português, mas sim a tudo que fizesse lembrar a influencia da corte dentro da formação histórica nacional, seja o clima, a flora lusitana, a fauna, o conjunto de fatores que compõem o folclore e cultura social europeia.

O Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-formada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e portanto a identidade, em oposição à metrópole, identificado com a tradição clássica. Assim surgiu algo novo: a noção de que no Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação da autonomia espiritual. (CANDIDO, Antonio; p. 20)

Nesta tentativa de uma formulação de uma nacionalidade pujante, durante muitos anos, diversos autores trabalharam a imagem de diversos indivíduos. Na primeira fase do romantismo, vimos a imagem do índio ser pincelada em quadros dourados, a imagem do aborígene, do gentil brasileiro foi fortemente explorada, numa tentativa de consolidar neste a figura de um ser originalmente tupiniquim que representasse o Brasil.

Quanto aos traços que é possível considerar mais característicos, destaca-se obviamente, como vimos, o nacionalismo, transformação do nativismo que vinha do começo do século XVIII e talvez tenha significado mais político do que estético, porque foi um desígnio correlativo ao sentimento de independência. (CANDIDO, Antonio; P. 87).

Com o passar dos anos o movimento evoluiu e passou por diversas mudanças, a imagem do índio ainda continuou em uso, os quatro cantos do país ganharam uma importância como nunca visto, todos os homens considerados particularmente brasileiros foram vorazmente esmiuçados de modo a tentar consolidar estes como uma forma autêntica de brasilidade. Mas foi nas mentes pensantes da intelectualidade do norte foi que o movimento literário ganhou uma nova face; a região norte como consequência de uma grandiosa fusão de diversas etnias, nesta grande mescla foi que os holofotes foram direcionados à imagem do sertanejo.

Autores como José de Alencar, Franklin Távora e Visconde de Taunay são constantemente lembrados como propulsores desta corrente, estes, com suas obras, que caracterizaram as terras secas mais afastadas do litoral e que sob diversas perspectivas ajudaram na consolidação deste modelo de produção literária valorizador da natureza do norte e a formação do regionalismo nortista.

A Ascensão e popularidade adquirida pelos autores considerados românticos foram o motor para o demasiado exercício do emprego da temática nortista dentro da esfera literária. No íntimo desta nova realidade surgem outros autores, oriundos de uma nova modalidade de escrita, entre os novos nomes podemos citar o jovem farmacêutico cearense Rodolfo Teófilo, bebendo da fonte do naturalismo, este nos conduz a uma realidade que foge à temática romântica, retrata a seca em sua mais completa e lastimável veracidade. Neste contexto nasce a literatura das secas.

Todos estes grandes nomes citados acima são pertinentes na formação do vasto leque literário que compunha o saber de Gustavo Barroso. Como dito antes, Barroso, como assíduo frequentador dos grandes círculos literários de Fortaleza, teve acesso às obras dos autores anteriormente citados, e nestes absorveu grande conhecimento e separou as mais diversas fontes que posteriormente usou como referência na produção de suas obras de cunho regionalista, além de que por ser frequentador das rodas literárias mais acaloradas da sua região, teve a oportunidade de conviver com personalidades ilustres qual pudera criar reflexões sobre as mais variadas temáticas, inclusive o sertão em quem viviam.

## **O Sertão de Alencar**

Diante da conjuntura do corte dos laços que uniam Brasil a Portugal, a literatura brasileira ganha uma nova forma, moldada com a intenção de expor as divergências entre os

hábitos lusitanos e canarinhos. Em sua obra “O Sertanejo”, José de Alencar traça uma realidade do sertão, explora a natureza de uma forma particular, tentando comparar as mais diversas características entre a extensão seca que existe longe da faixa litorânea do nordeste brasileiro, esta que é onde se consolidaram as cidades, o desenvolvimento urbanístico que remete à corte portuguesa, onde o progresso corre por entre os trilhos das locomotivas e faz o homem ter um convívio mais ativo e assim deste modo o homem e seus hábitos não se fazem marginalizados, mas sim parte indispensável para o fazer literário acerca do tema.

O formato adotado por Alencar consiste em uma abordagem focada nas relações entre os personagens criados dentro do universo da obra. Deste modo o mesmo sempre vai trabalhar fortemente sob a personalidade de cada figura existente e os fatos acerca dos mesmos, sempre criando ocasiões que possa culminar em um trabalho minucioso sob a figura do personagem para desenvolver uma personalidade singular. Outro ponto importante na construção da obra citada é a forma com que o mesmo desenvolve a descrição e o uso das paisagens. José de Alencar aplica o sertão como um pano de fundo na trama de sua obra, de modo que o mesmo está ali compondo a trama para representar o local onde toda a história ocorre e com o intuito meramente de se opor a um universo além do atlântico, universo que se faz vivo através das mais variáveis formas de disseminação, seja pela oralidade nos contos que são comuns entre as pessoas dos séculos passados, através da musicalidade, ou através dos livros que eram restritos à certas camadas da sociedade, deste modo o autor pincela a figura da faixa seca do nordeste baseado nas fontes existentes naquela época.

Desse modo vemos essa colocação do sertão como uma maneira de se opor às memórias dos colonizadores, de divergir nos velhos hábitos feudais que estavam claramente contidos na memória dos Brasileiros, traçando uma natureza brasileira e valorizando a mesma, característica autêntica dos regionalistas daquela época.

Em sua trama, o autor que tem como foco, os personagens, cria um enredo que se faça favorável à forte exploração da sua psique, de modo que torne manifesto os seus sentimentos, para que assim seja possível a captura e desenvolvimento de sua personalidade. Assim se fez a construção da imagem do homem do sertão em sua obra.

O termo “Sertanejo” na obra não está restrito ao protagonista Arnaldo Louredo, mas a grande parte dos que se fazem peça fundamental dentro da trama, visto que o termo citado se aplica bem ao homem que vive dentro desta vasta faixa de terra seca dentro da região norte brasileira, mas o mesmo foi direcionado ao jovem Arnaldo com a mais pura intenção de lhe

atribuir o foco desta trama, para que este fosse a forma perfeita para o modelo do cabra do sertão, para que neste as suas características se fizessem mais acentuadas afim de distanciar este do homem comum da época, o homem mais próximo dos costumes da corte, este que fazia lembrar a corte portuguesa ou os mais vistosos costumes europeus, exatamente do que buscava fugir os românticos brasileiros do século XIX.

Analisando a obra em sua linha cronológica, o primeiro capítulo, de nome “O Comboio” é uma recepção acalorada que tem como premissa criar uma atmosfera que nos faça enxergar em suas páginas a força das características do sertão e logo com uma reflexão mais aprofundada e embasada nos conhecimentos históricos, entender a formação do sertão como campo territorial, remetendo à chegada portuguesa, mostrando que os homens daquele local são exímios desbravadores e conhecedores natos daquela vastidão natural, traçando uma comparação aos índios que habitaram o Brasil desde antes da chegada dos europeus. Estes aborígenes que são parte importante no DNA desse ser que tanto Alencar, Barroso quanto outros autores denominam como a forma autêntica do ser brasileiro, além de comparar a natureza local, tornando a nossa flora algo único e desejável para o autor.

Esta imensa campina que se dilata por horizontes infintos, é o sertão de minha terra natal [...] Quando tornarei a respirar suas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quais o homem comunga a seiva dessa natureza possante; (ALENCAR, José de; P.1)

Seguindo a diante, no terceiro capítulo intitulado “A Chegada”, nos deparamos com uma queimada que fere a natureza seca que se faz presente nos arredores da oiticica, fazenda do capitão-mor. Neste contexto Alencar observa um momento oportuno para talhar a imagem de um vaqueiro, mostrando seu estereótipo de homem forte, destemido e acima de tudo um exímio conhecedor das terras em que pisava, fazendo assim referência ao índio que habitara estas regiões, estes que tinham como inerente esta afinidade, lançando também um contraponto ao português que não exalava esta energia.

Quando o capitão-mor reconheceu os primeiros sinais de incêndio, preveniu a gente de sua escolta – Queimada, Agrela. Disse ele surpreso. Neste tempo e nestas paragens, não pode ser. –É que vem de longe, observou o tenente fincando as esporas no cavalo. (ALENCAR, José de.; p.8)

O formato de homem robusto desbravador que tanto Alencar quanto Barroso e tantos outros nortistas vieram a utilizar em sua escrita, pode ser visto empregado na figura do jovem Arnaldo Loureiro. Neste estava contida todas as características que Gustavo Barroso exaltou

vorazmente na terceira parte do terceiro capítulo de Terra de Sol, O Homem, Tipos Normais ( Sertanejos, Fazendeiros, Vaqueiros), o resultado de um mix genético entre povos que aqui habitam e fazem com que estes sejam tão próximos da natureza ao ponto de nos dar a abertura para que possamos considerá-los como irmãos, onde o homem do norte conhece cada detalhe que pode ter ocorrido numa mínima alteração. Podemos ver as similaridades entre Barroso e Alencar nos trechos abaixo.

Para quem não serve a minha terra é para aqueles que não aprendem com ela a ser fortes e corajosos. (ALENCAR, José de.; p.23).

A alma do sertanejo é calcada na alma do sertão. Lá a natureza quando recusa seu auxílio, nega avaramente a sombra, nega cruelmente a gôta d'água, recusa tudo. Mas quando dá, dá de mais, dá com fartura, com abundancia. Dai os dois aspetos do caráter do homem do sertão: a tenacidade na luta, quando o meio o hostiliza e procura esmaga-lo; o descuido, a indolência, e a improvidência de quem repousa de longa luta, nos tempos bons. A sêca calcina a terra, resseca os matagais, torra as capoeiras decotadas, vai amaciando as pastagens até pulverisá-las: o sertanejo combate estoicamente. (BARROSO, Gustavo; p.167).

Nesta investida de engendrar uma maciça personificação do indivíduo das ressequidas terras do norte, podemos empregar duas citações que clarifica este caráter do homem do norte, ambas de autores distintos, mas que em suas obras empenharam-se em tecer a mesma finalidade. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” CUNHA, Euclides da.; p. 51.

Adstrita às influências que mutuam, em graus variáveis, três elementos étnicos, a gênese das raças mestiças do Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos. (CUNHA, Euclides da.; p. 31)

O legítimo Sertanejo, explorador dos desertos, não tem, em geral, família. Enquanto moço, seu único fim é devassar terras, pisar campos onde ninguém antes pusera o pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras, e furar matas que descobridor algum até então haja varado. (Taunay, Visconde de; p.6)

Durante o restante da trama que faz parte da obra O Sertanejo, Alencar monta um quadro em que se faz a comparação entre a cidade, vista como civilização, onde se respira um ar cosmopolita e o campo, onde o mesmo alega ser a autenticidade do ser brasileiro, empenhado em manter as questões tradicionais.

A todo instante podemos esmiuçar a personalidade de Arnaldo e compreender os valores que o constituem. Estes valores são encontrados na maioria dos casos relatados pelas obras literárias de cunho nortista, se distanciando desta apenas os casos em que se tratam do

banditismo, na verdade, quando estas personalidades são atuantes na aplicação da cangaceiragem, assim como o caso de José Gomes “O Cabeleira” da obra de mesmo nome do autor Franklin Távora ou nos mais diversos casos tratados por Barroso em seus livros, *Almas de Lama* e *de Aço* e *Heróis e Bandidos*.

Em dados momentos Alencar nos remete à esta prática fora da lei, trazendo a tona esta parcela significativa de seres que correm em direção contrária a proposta que se faz presente ao trabalhar a imagem pura e repleta de valores do homem do sertão.

### **O olhar cientificista empregado na formação do sertão, o realismo de Rodolfo Teófilo.**

Voltando a citar Teófilo como outro nome que fora de grandiosa importância na formação do modo de pensar exercido por Barroso, este em suas obras ficou fortemente conhecido por trabalhar de maneira singular a temática sertaneja sob a perspectiva das grandes secas. Atribuindo a este fator grande importância para a gravidade da questão social dentro da sociedade do norte, principalmente na região do Ceará, criando através deste modelo de escrita algo que ficou conhecido como a literatura das secas, onde era constante a apresentação das mazelas causadas pela falta de chuva naquele território, mazelas estas que faziam o autor pincelar os mais cruéis traços da realidade causados pela fome, o desespero, o ser humano em seu mais bestial estado na luta pela sobrevivência.

No contexto histórico da obra vivenciamos o crescimento do modo produtivo fabril, em que fizeram as cidades crescerem vertiginosamente assim como em outras civilizações quais anteriormente já haviam passado pelo processo evolutivo. Nestes outros países os costumes das civilizações europeias foram sendo alteradas para comportar esse novo modelo econômico e social, assim moldando uma nova realidade totalmente diferente do visto na idade média e principio da idade moderna.

Ao desembarcar nestas terras tropicais, o mesmo fora sendo implementado de modo que as cidades também começaram a se modernizar, as grandes fábricas começaram a tomar forma e modificar o cenário da região cearense. As classes mais abastadas desejavam mudanças, queriam mais conforto e um estado que atuasse em seu favor, realizando grandes obras, feitos que acabaram por marginalizar a grande parcela da sociedade que não ostentava condições financeiras e nem estudos, havendo assim uma segregação que em dados momentos ocorria pela força e atuação do estado como de forma natural.

A cidade de Fortaleza que abraçara o modelo tecnológico oriundo da Europa, principalmente França. Cresceu em tecnologia, mas não desenvolveu o bem-estar social, esquecera todo o modelo infraestrutural e higienista, deste modo podemos pensar A capital do estado como uma cidade que crescia de forma desordenada ao ponto de abrir caminho para a proliferação de uma série de calamidades, nos fazendo mergulhar nas lembranças do período devastador que foi a Europa do século III ao XVI, onde a peste negra por varias vezes levou a óbito significativa parcela da população em diversos países.

Mas a economia cearense foi atingida por uma série de fatores que a levam a nocaute. Estes fatores são o colapso da indústria algodoeira, a falta de capital para investimento na modernização e levar a economia ao patamar de industrializada, assim como as cíclicas secas que atingiram o mesmo, principalmente a grande e devastadora seca de 1887 e que se estende até meados de 1889 e acaba por dizimar mais de cento e quarenta mil pessoas.

Neste contexto se faz a atmosfera perfeita para a realização da obra de Teófilo. Em A Fome, os personagens são ferramentas usadas para explicar, tornar palpável ou aproximar o leitor deste cenário, utilizando de fontes tanto documentais quanto experiências vividas pelo mesmo e que o fazem saber detalhar tão bem esta devastadora realidade vivida pelos habitantes Cearenses durante meados do século XIX.

Por ter sido um graduado em Farmácia, o mesmo carregava uma bagagem teórica que o influenciou no modo de desenvolver a temática, seguindo à risca os ditames de Émile Zola, utilizando-se de linguagem extremamente científica em sua obra, ao ponto em que tomara posse de diversos vocábulos da área da medicina assim dando ênfase ao estado em que se encontra os indivíduos tornando a leitura muito mais realista, tão real ao ponto de ser tida como uma leitura pesada e desagradável pelo teor do sofrimento que compõe a sua obra.

Naqueles organismos a desordem era completa. O coração que a pouca densidade do sangue, a abundância de leucócitos tornara irregular e tumultuoso, os afligia com sentimentos atrozes.

A Sístole e a diástole eram incompletas, acelerando os movimentos do motor da circulação, as válvulas funcionavam mal, deixavam refluir em parte a onda sanguínea, já bastante reduzida, determinando a anemia do cérebro [...] As funções da epiderme profundamente alteradas modificavam as qualidades físicas do invólucro cutâneo, tornando-se improficuo (sic) contra aquele estado fisiológico o maior asseio. (TEÓFILO, Rodolfo. p102-103.)

Sua produção literária foi fortemente marcada pelos traços oriundos do naturalismo e das teorias positivistas, evolucionista e também determinista, mas não abriu mão dos aspectos

românticos para a formulação de suas obras, principalmente na construção de personagens grandiloquentes e de moral ilibada.

Para Abelardo Montenegro “com Rodolfo Teófilo é que surge o romance da seca, da tendência social e moralizante. É o romance cearense em que, pela primeira vez se combate a exploração do povo reduzido à maior pobreza pela calamidade”, e ainda complementa afirmando que “Pela primeira vez um romance se transmuta em instrumento de libertação de um povo”.

O seu romance é resultado de uma série de observações sobre as secas e as migrações que ocorrem periodicamente no Ceará, além de uma série de outros problemas ocorridos na província durante o século XIX. Procurando focar dentro da linha regionalista e naturalista, o mesmo desenvolve uma história que expõe a tragédia vivida por uma família de retirantes que se vê atingida por uma das maiores secas que assolam o sertão. Assim, a obra de Teófilo serve como para lançar protesto contra a incúria do governo em relação ao abandono das populações sertanejas, confirmando as palavras de Abelardo Montenegro que afirma que a obra foi importantíssima ferramenta de protesto e um gatilho para os seus leitores se aproximarem da realidade existente e questionassem o modo de atuação da força pública local.

Esta temática iniciada por Teófilo volta a ser trabalhada por outros autores regionalistas, tomando como exemplo o autor Graciliano Ramos em *Vidas secas*, obra publicada em 1938 e que tornou-se um clássico da literatura modernista, pela denuncia dos dramas sertanejos vividos pela “sociedade do couro”, termo criado em função da aridez, da infertilidade da terra e a situação em que se encontra o homem em fator destas condições naturais.

Em *A Fome*, há a divisão entre personagens, estes podem ser divididos em “bons” e “maus”. O personagem principal, Manuel de Freitas, este abastado dono de fazendas, e sua família entra em decadência por conta das secas que fazem das chuvas algo quase que inexistente, vendo-se forçado a migrar à procura de uma vida melhor, em seu trajeto de retirante vivência a fome e a morte, e ao chegar em Fortaleza se depara com uma grande epidemia de varíola.

O protagonista do livro é tido como uma espécie de herói com características como a fibra, a força, a coragem e a honestidade. Tais elementos fazem dele uma espécie única que

sobreviva às adversidades, impostas pela fome e pela peste e consiga vencer o meio em que se encontra. Este personagem é claramente fundamentado nas teorias deterministas oriundas do positivista francês Hipólito Taine.

A obra expõe a injustiça social, a realidade é agravada pela imprevidência, inépcia e desonestidade dos governantes e do poder público. A seca age como fator para aprofundar a crise, dando abertura para o desenvolvimento de crimes sociais que tanto Teófilo quanto outros autores destacaram em sua obra, inclusive Gustavo Barroso trabalha a mesma temática na obra “Almas de Lama e de Aço”, onde o autor citado explica o fenômeno do banditismo e messianismo ligados a péssima atuação do poder público, principalmente nas terras do norte.

Rodolfo Teófilo usa a dicotomia entre o campo e cidade para discorrer sobre a realidade urbana, assim fazendo um contraponto para com o campo que para o mesmo é visto como o símbolo da pureza, algo que vimos na obra O Sertanejo de José de Alencar, quando retratada a realidade do jovem Arnaldo e seus costumes e tendo como oposição toda a exuberância e luxo contido na corte. Segundo TEÓFILO (2002, p.97) “Antônia conhecia pouco a cidade, vivendo no seu sítio tranquilo, não imaginava a vida ruidosa e dissoluta das capitais, as mentiras galantes e torpezas dissimuladas”.

Deste modo podemos chegar à conclusão de que Teófilo visa o sertão como uma terra tão almejada, assim como Barroso e outros sertanistas que constroem uma imagem magnífica das terras onde vivem ou onde habitam suas lembranças da mesma forma como empregada nas obras memorialísticas de Barroso, mas jamais levando para debaixo do tapete a cruel realidade que assola as terras de suas memórias, usando suas obras como uma singular arma de combate ao modelo político praticado naquela época, onde a negligência do estado para com as secas era fator determinante para a formação de toda a miséria do sertão.

## **A Literatura Barroseana e o Sertão**

Gustavo Barroso era um fascinado pelo sertão, desde pequeno demonstrara o amor pela terra em que vivera, guardava em si as lembranças de quando pequeno e que lhe despertaram a ternura pela natureza do norte, características esta que foram preponderantes na formação da sua personalidade, esta que mais tarde foi impressa à tinta permanente nas

inúmeras folhas de suas valiosas obras que o tão bem envelheceram e permanecem atuais mesmo com quase um século de vida.

Suas obras são fortemente marcadas pelo traço memorialístico. Barroso sempre buscou perpetuar a valorosa imagem da realidade sertaneja que guardara dentro de si, quando jovem viveu inúmeras experiências nas terras longínquas do sertão. Seu avô dono de sítio, este que todas as tardes retornava para casa e Gustavo detalha isso como uma das suas maiores lembranças.

Durante sua época de juventude viveu realidades distintas, a vida da cidade, com traços das mais altas classes, sendo rodeado por intelectuais de diversas áreas, grandes nomes que foram primordiais para a construção de parcela do seu conhecimento nos diversos campos do saber são citados em suas obras em tons de agradecimento ou em meras formas de lembranças distantes.

Noutra face da vida do jovem Barroso, temos colorida nas mais vibrantes cores a realidade sertaneja, durante muitos anos antes de partir em sua ilustre jornada, o mesmo sempre gostou de estar próximo a natureza, algo parecido com o que o mesmo dizia sobre o homem daquelas terras de que viera. Foi num destes locais pelo qual guardava enorme fascinação, que sobre um caixão de querosene, na fazenda Água Boa, que escrevera a sua primeira grande obra, ainda sob o pseudônimo de João do Norte, Terra de Sol. De acordo com Rui Barbosa “O céu e as terras do Norte se refletem com o encanto da verdade nas páginas de “Terra de Sol”, cujos rasgos de colorido e brilho muito homem o jovem escritor”.

A temática do sertão jamais fora deixada de lado pelo ilustre, o mesmo nos anos seguinte tornou a publicar diversos livros com temática semelhante, estes foram “Ao Som da Viola, Almas de Lama e de Aço e Heróis e Bandidos”, assim como muitas outras obras que remetiam ao sertão e as temáticas que estavam contidas dentro deste.

Em suas obras de cunho regionalista, Gustavo Barroso buscou ser o mais amplo possível, sempre tentando demonstrar ser conhecedor dos mais profundos detalhes que compunham os sertões, não se sujeitou a ficar restrito ao homem e suas mais superficiais características, mas buscou destrinchar de forma magistral toda a realidade de uma das mais férteis culturas.

Buscando sempre exaltar a realidade do sertanejo, Gustavo Barroso remete à diversas escolas literárias para dar corpo e forma a sua publicação inaugural, usando de conceitos da

historiografia, literatura, sociologia, geografia, biologia e antropologia para tornar seu conteúdo ainda mais relevante perante os mais diversos e exigentes leitores.

Sempre usufrutuário de um vocabulário altamente rebuscado, pormenoriza toda a pintura que se faz da realidade sertanista de forma *sui generis*, tornando assim possível compreender as mais diversas camadas que constituem os organismos que conjuntamente formam o seu objeto alvo.

Usando do determinismo aplicado dentro da corrente literária romântica, naturalista e realista, para servir de molde que viesse a dar a forma ao seu projeto, Gustavo Barroso segue à risca os parâmetros traçados por Hyppolite Taine para que através do uso do alinhamento dos três importantes fatores raça, meio e momento, para traçar um esboço do que seria o indivíduo explorado em suas obras.

No seio do homem sertanejo estão empregados os três fatores citados acima. Dentro do determinismo histórico, estes trabalham em conjunto para dar uma forma ao ser e torná-lo objeto de possível compreensão. Desta forma, autores como Rodolfo Teófilo, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo e Franklin Távora usariam do método para a elaboração da psique de personagens de suas obras de cunho romântico.

O sertanejo é explorado em sua forma mais ampla, Barroso tenta buscar em suas origens raciais mais remotas a explicação de todos os adjetivos que carregam em si, desta forma aplicando sobre o homem do sertão o conceito de raça que é um dos pontos da tríade determinista.

A raça é um ponto importante na literatura sertanista de Gustavo Barroso. O mesmo sempre vai de encontro com este tema ao tentar capturar a essência do sertanejo e o motivo de sua força, conhecimento natural e desejo de liberdade, fatores que foram bastante explorados e exaltados por autores citados antes como José de Alencar ao construir a imagem de Arnaldo Loureiro em *O Sertanejo* e que é visto em *Terra de Sol*, *Almas de Lama e de Aço*, *Heróis e Bandidos* e *Ao Som da Viola*, as grandes obras de Barroso que remetem a este tema e que se debruça sobre a essência do herói sertanejo.

No ato de tecer a questão racial, o autor nos abre o véu de sua obra, cria a oportunidade de nos situar no momento literário ao qual o mesmo pertence, ao colocar sobre a mesa as cartas que constroem o sertanejo, podemos entender claramente que Barroso está inserido na escola romântica, a exaltação do indígena como um ser autenticamente nacional,

esta mistura que se fez com o branco português e que fora responsável pelo misto de fatores que compõe a raça.

O sertanejo tem sua alma restos estúios de muitas raças: do lusitano, do moiro, do tapuia, do zíngaro vadio(34), do negro e do flamengo. Essas três contribuições últimas foram as menores. Não foi grande o número de ciganos que a metrópole expulsou e remeteu para as ribeiras sertanejas. O negro não existia ali em quantidade, porque a criação do gado não pedia tantos escravos quanto a agricultura. O holandez teve pouco tempo e muita luta para se misturar.

Do portuguez antigo e seus elementos mauritanos vieram, talvez o fatalismo muçulmano do brasileiro do centro-norte e as inclinações cavalheirescas que se integram num falso pundonor, que cega todo e qualquer outro sentimento, “ num excesso de brio, numa compreensão às vezes errônea, às vezes incompatível com a actualidade, dos princípios de dignidade e honra” (BARROSO, Gustavo. p.54-55)

O índio contribuiu com inclinações para a ferocidade, emboscadas e vinganças, estas quase iguaes no modo de se executarem ás “vendetas” da corsega. Duterire afirma que, entre caraibas e tupinambás, o individuo tinha obrigação de vingar-se pessoalmente das afrontas sob pena de ser votado a completo despezoz. Segundo Catlin, a opinião publica entre os pelle-vermelhas fazia da vingança o maior dever. O índio astucioso e cruel, vivendo entre si em continuo estado de guerra, tinha o desprezo pela vida peculiar á raça vermelha como da negra. A ferocidade e perfídia estão comprovadas por todos os que os têm estudado ou a eles se referem, ferocidade e perfídia de que não são culpados e que lhes deu o seu estado moral atrasadíssimo. (Heróis e bandidos Pag 56)

E´do índio a maneira de fugir do cangaceiro. O Rufino Lemos, do Piancó, escapuliu-se da escolta mergulhando numa lagôa, onde passou horas cercado por todos os lados. Só o tapuia poderia fugir assim. (BARROSO, Gustavo. p.57)

Predominam nesta mistura ethnica o portuguez e o índio. Destes se originaram os curibocas ou mamelucos, vulgarmente chamados de caboclos. Do branco mesclado ao africano, que existiu ali em pequena quantidade, decorreu o mulato. Do negro e do índio veio o cafuz ou, melhor, o cabra. Agora, vá alguém destecer as mestiçagens complicadas que resultaram, nas gerações subsequentes, do mameluco com o mulato, deste com o cafuz, do mameluco com o cafuz.( BARROSO, Gustavo. p.60-61)

Mas este estudo aproximado ao ser nos leva a conhecer mais profundamente o seu método, mostrando ser seguidor dos ditames de Émile Zola, ao observar o personagem da obra de forma mais aproximada, se tornando objeto de estudo, tendo consigo um olhar mais cientificista, onde carece de uma análise aprofundada do ser através de conhecimento histórico, geográfico, sociológico e principalmente o conhecimento do objeto traçado. Esta análise se tornou popular nas escolas que ficaram conhecidas como Realista e Naturalista.

O meio que determina como se molda e faz tornar-se latente as circunstâncias intrínsecas ao sertanejo, o clima seco é certamente fator demasiado importante na análise, já que o mesmo é responsável pela aspereza do lugar que, pouco nele vingando, a vida pecuarista não lhe toma muito tempo, Barroso conjectura que o modelo econômico do local faz com que o homem dali venha a sentir-se entediado, e que procure nos jogos de azar e no álcool um meio para ocupar seu tempo sobressalente.

O clima sertanejo tem a máxima culpa na produção do cangaceirismo, Strabão descrevendo a Europa ocidental, dizia: Acontece, com efeito, que nas regiões férteis, as populações são sempre de genio pacífico, sendo belicosas e energicas nos países pobres. (BARROSO, Gustavo. p.21)

Outro ponto de destaque para o meio em que se faz o homem do sertão e seus tipos é a falta de comunicação, a vida isolada, a distância entre as casas e fazendas, que faz com que o homem viva quase que longe da sociedade, sempre retomando para o lado político em que afirma que a faixa litorânea recebe todos os investimentos do poder público. As linhas férreas se restringem ao litoral e termina por isolar o indivíduo que vive mais para dentro daquelas terras e não recebe a devida atenção dos seus governantes.

O homem ali vive primitivamente como os povos que demoram no mesmo estágio de civilização: gaúchos, beduínos, esclavênios, tártaros ou cow-boys. O acesso do sertão é difícil. Está longe das cidades e portos de mar, dos recursos e idéas que lhe poderiam fornecer. Os poderes públicos crimosamente o deixam entregue á miséria aspera do clima, alimentado deficientemente. Parte de ophthalmias e sapirangas (trachoma), de anemias, sarampos, fleimões e nervosos, minado em algumas artes ankylostomiase, a opilação, as doenças do fígado, lechimaniose e até lepra. (BARROSO, Gustavo. p.26)

Neste ponto encontramos uma forte semelhança entre Gustavo Barroso e Rodolfo Teófilo, onde sua escrita é fortemente voltada à tendência social e moralizante, da mesma forma como Abelardo Montenegro atribuiu a Teófilo com a obra “A Fome”. Além do destaque dado às doenças, calamidades que ganham significativa importância na escrita de Teófilo, este que é sempre lembrado pela sua linguagem altamente rebuscada e repleta de termos cientificistas ligados ao conhecimento biológico e médico.

a luta feroz desse homem desprezado pelo poder público, insulado, contra a natureza armada com todas as armas dá-lhe grande pretensão de superioridade e torna indomável a ativez do carácter, poucas vezes máu e sempre pessimamente educado. (BARROSO, Gustavo. p.27)

A alma da terra para passa para o homem”, disse Vitor Hugo. A alma do sertão modela a alma do sertanejo. Sóbrio como todo animal dos países agrestes, rudes como as rechãs despidas que o cercam, como os penhascos pontudos que rasgam o sólo duro, perfilando-se entre o mato ressequido, é

hospitaleiro como todo homem primitivo e rotineiro por educação e hereditariedade. Geralmente bom e honrado, o eterno combate com o meio envolvente desenvolve-lhe a inteligência e a coragem que já lhe legára a raça, o cruzamento ancestral. (BARROSO, Gustavo. p. 158)

A alma do sertanejo é calcada na alma do sertão. Lá a natureza quando recusa seu auxílio, nega avaramente a sombra, nega cruelmente a gôta d'água, recusa tudo. Mas, quando dá, dá demais, dá com abundância. Daí os dois aspetos do caráter do homem do sertão: a tenacidade na luta, quando o meio o hostiliza e procura esmagá-lo; o descuido, a indolência e a imprevidência de quem repousa de longa luta, nos tempos bons. A seca calcina a terra, resseca os matagais, torra as capoeiras decotadas, vai amaciando as pastagens até pulverisá-las: o sertanejo combate estoicamente. O inverno alegre o sertão: ele preguiça e modorra. (BARROSO, Gustavo. p.167)

Outro dos pontos bastante trabalhados nas obras de Gustavo Barroso e ainda direcionado ao homem e seus tipos é o misticismo. O mesmo vê na realidade sertaneja terreno fértil para o surgimento deste fenômeno, assim como na Bahia houve a experiência de Canudos, nas demais localidades da faixa áspera do sertão também houve ensaios de comunidades semelhantes, algumas com final tão trágico quanto.

A fé é de onde o sertanejo retira seu último filete de esperança, o que, mesclado com as suas demais características o torna forte, característica que tentamos buscar através deste estudo, mas o emprego da fé na personalidade do homem do norte nos leva a observar de que modo esta atua sobre a sociedade das secas. Em Almas de Lama e de aço, Gustavo Barroso separa um capítulo inteiro para tentar tornar exemplo um fato ocorrido no interior do sertão, onde uma comunidade de governador tirano e messiânico viu seus dias de horror.

Para trazer aos olhos do leitor a realidade do fenômeno messiânico nordestino, o mesmo conta com o fato da formação de uma comunidade no interior do sertão, onde um indivíduo tomou posse de um cordel que contava uma história de um certo rei que viria para trazer prosperidade ao seu povo. Usando da boa fé daquela gente humilde, o mesmo fez fortuna em troca de promessas de riquezas e assim se formou aquela comunidade que Barroso nos trouxe em Almas de Lama e de Aço.

Mal essa paz se firmava, em 1836, surgia no termo da Villa Bella o primeiro bróto dum arbusto de fanatismo sertanejo, que havia de se tornar arvore copada à custa de muito sangue. O mameluco João Antonio dos Santos, digno de hobrear com o conselheiro e o padre Cicero, embora muito mais selvagem e cruel que esses centralizadores de energias matutas, começou a mostrar secretamente aos incultos habitantes da região duas pedrinhas claras e luminosas, que affirmavasêrem diamantes tirados duma mina descoberta por ele em virtude de misteriosa revelação. (BARROSO, Gustavo.p18)

Para Gustavo Barroso, a terra é grande responsável pela fertilidade encontrada por estes fenômenos de fé pagã, a seca faz o homem crer em promessas infundadas, à espera de recompensa, seja pela simplicidade da vida em que levavam, pela ignorância e a falta do conhecimento para atestar tais fatos, seja pelos encantos das promessas feitas pelo espertalhão mameluco ou alguns até por encontrar naquela prática, a oportunidade de consolidar suas vinganças.

Em lembrança talvez de sua ascendência indígena, preparava o mameluco um vinho encantado, composto de jurema e manacá, que dava às noivas que ia dispensar e a todos quantos queriam que fosse tomado de entusiasmo ou que soffressem perturbações semelhantes às dos toxicos modernos. Deste modo, os pobres sertanejos viam os thesouros de D. Sebastião. (BARROSO, Gustavo. p21)

Quando se voltou a analisar o misticismo dentro do que diz respeito à formação do indivíduo sertanejo, Barroso volta a usar a fórmula traçada dentro do plano determinista de Taíne, onde o mesmo relaciona o fator biológico hereditário carregado pelo mameluco dito messias naquela comunidade, para explicar parcela de seus atos. Em um dado momento é encontrado no documento um registro que diz que João Antonio era descendente de índios, e que esta sua raiz era responsável pelo conhecimento que tinha ao realizar o feitio de uma mistura alucinógena que seu uso era responsável por iludir ao povo.

O meio também foi utilizado ao se referir que naquele local onde ocorrera este sanguinolento fato, era local propício para a sementeira deste fenômeno, visto que a terra e sua aridez se fez favorável para o surgimento da ignorância, ingenuidade, desejo por riqueza e principalmente a manifestação da energia que em sua maioria é força motriz para a violência dentro do que conhecemos como o cangaço, esta força constantemente vista neste ambiente é a vingança.

Como já abordado anteriormente a aplicação das teses de Taíne dentro da literatura barroseana, inúmeros são os casos em que podemos encontrar estas semelhanças que podem ser vistas no modelo de escrita de diversos autores românticos e realistas, principalmente nestes autores de cunho regionalista, principalmente calcados no sertanismo. Mas aqui encontramos uma diferença, em Heróis e Bandidos, o nosso autor parte de uma perspectiva diferente, não fazendo apenas uso do determinismo histórico, mas usando a Frenologia como fenômeno para explicar a realidade do nordeste vinculada ao racismo, visto que o viés biológico dentro das ciências sociais eram algo comum para a época.

Num contexto em que as ciências sociais estavam plenamente colonizadas pela biologia, o recurso a mecanismo e argumento científicos de esta área do conhecimento, como forma explicativa de determinados fenômenos, não podem ser vistos como inviáveis, pelo contrário, temos que pensar que eram sumamente plausíveis para o momento.(FERRERAS, Norberto. p.14)

Voltando à tentativa de compreender o formato literário adotado nestas obras, capturo e torno agora tema central, o desejo pela riqueza e a vingança para justificar o surgimento dos foras da lei que ganharam diversas páginas em livros do nosso autor. Como foram presença constante em *Heróis e Bandidos*, obra que focou unicamente nesta questão, a dualidade entre o herói sertanejo que vive dentro dos limites da lei, o forte que tentamos buscar nesta odisséia pelo homem nacional e autêntico, assim como o que anda na contramão da justiça e contra o estado se rebela em forma de protesto e que acaba às vezes sendo encarado como herói pela sua coragem por agir em protesto da péssima ação do poder público.

Sempre buscou em fontes documentais como cartas de leis, escritos de antigos homens públicos, memória oral e cordéis, para buscar a compreensão desta energia violenta dos sertões que veio a ficar conhecido como o cangaço, reconhecido como um dos pioneiros a trabalhar esta área, sendo bastante comparado ao historiador Eric Hobsbawn, este que publicou seu livro *Bandidos*, e se tornou modelo de estudos relacionados com a temática da bandidagem, apesar de ambos serem de épocas muito próximas, Gustavo Barroso também recebeu comparações com Sarmiento, visto que ambos estudaram temática semelhante, mas com perspectivas diferentes.

Os cordéis sempre ganharam local de destaque em suas obras de cunho regionalista, estes que para o autor é uma das formas de perpetuação memorialística de um povo e que é fortemente valorizado no nordeste, e que, para ele merece a devida atenção, já que em suas estrofes podemos encontrar os motivos pelos quais a violência dentro do sertão corre de forma tão voraz.

No bacamarte eu achei  
 Leis que decidem questão,  
 Que fazem melhor processo  
 Do que qualquer escrivão...  
 Meu pae fez diversas mortes,  
 porem não era bandido:  
 matava em defesa própria,

quando se via agredido,  
 pois nunca guardou desfeita  
 e morreu por atrevido.  
 No tiroteio, os soldados  
 Seis cangaceiros mataram  
 E pegaram nove ás mãos,  
 Que também assassinaram:  
 Como se sangram animaes,  
 Elles os homens sangraram!  
 BARROSO, Gustavo. p 55

Alguns destes cordéis foram criados para a perpetuação da saga bandida destes foras da lei, Lampeão foi um destes casos, o mesmo teve sua odisséia trovada em cantos e posteriormente publicada em livros, para que a todos fosse de ciência de seus feitos em toda a extensão de terra do sertão.

Seguimos para Viçosa,  
 Numa manhã de verão,  
 Ambos bem prevenidos  
 De comida e munição.  
 Passámos allitres dias  
 Sem ter uma alteração.

No sabbado, fomos à feira,  
 Mas tive uma discussão.  
 Eu disse logo ao cabôclo:  
 - Quem está aqui é Lampeão!  
 Si quizervêr, ameace,  
 Mostre a mim o seu braço!

BARROSO, Gustavo. p100

Como dito anteriormente, a atuação pública ocorre de forma bastante defasada, sempre deixando a população sertaneja à mercê, diante desta necessidade é que surge o homem rebelado. Mas não só a falta de investimentos na infraestrutura das terras desérticas do nosso país é a causa deste fenômeno, mas também a batalha engendrada em favor da posse de terras, assim como entre os Montes e Feitosas, e que para apaziguar os nervos diante destes conflitos, se faz a carência de uma justiça atuante e igualitária.

A vingança surge como espectro destes conflitos territoriais que fazem lembrar os conflitos medievais ocorridos na Europa, onde famílias guerreavam durante eras por coisa mínima, uma terra desrespeitada, a não concordância em termos políticos, uma desfeita para com um ente, esta pior ainda, visto que no sertão o homem dito frouxo não tem respeito.

Neste contexto encontramos a relação entre o poder público e estas comunidades, onde ambos seguem aliados apenas para a manutenção do poder através da força, onde surgem os grupos de bandoleiros, como visto em O Cabeleira, nos bandos de foras da lei contidos em O Sertanjo e em Almas de lama e de Aço e principalmente em Heróis e Bandidos, onde o mesmo é dedicado unicamente na análise deste tipo.

A protecção a cangaceiros foi sempre praticada em grande escala pelos chefes políticos do interior do Nordeste, muito especialmente no Ceará; e é essa uma das razões por que os governos fracos tiveram de se submeter ao cangaceirismo e por que os governos fortes nunca puderam de todo acabar com elle. (BARROSO, Gustavo. p.24)

Gustavo Barroso detalha estas ações além dos documentos e histórias encontradas em livros e cartas, trabalhando com um retrato memorialístico, visto que atuou no poder público do Ceará durante alguns anos após seu retorno da capital Brasileira, e neste foi que viveu a época do “reinado” do padre Cicero no seio do sertão.

O Brasil já viu proprio governo federal incitar dos bastidores a famosa revolução do Joazeiro , que levou as hordas do padre Cicero, do Cariri á capital do Ceará, determinando uma intervenção a posteriori do poder central. Dos politicos cearenses da agremiação partidaria que isso interessava no momento fui o unico que se manifestou contra esse crime<sup>(1)</sup>. Fiz parte do governo que sucedeu a essa intervenção como Secretario do interior, convidado pelo presidente Bejamin Barroso, alheio por sua vez ao movimento sedicioso. (BARROSO, Gustavo. p.18)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após estudo sobre o romantismo, após aprofundar-me sobre as obras citadas e principalmente nas obras de Barroso que remetem à temática do sertão, torna-se possível conjecturar a sua importância dentro do ciclo de estudos ligados ao nordeste.

Que Barroso sofreu influência dos autores citados, que usando dos moldes deixados por Távora, Teófilo, Alencar e outros, o mesmo conseguiu criar um modelo diferenciado para o trabalho de gênero sertanejo, buscando de forma mais profunda na sociologia, na história e nas memórias próprias, os argumentos e ferramentas para esculpir os seus estudos sobre o sertão.

Quase que constante o uso do determinismo histórico fez tornar-se compreensível um olhar eugenista na escrita de Barroso, onde o mesmo busca no conceito de raça firmar a ideia de um sertanejo forte, dotado de características únicas que são oriundas da mescla racial que segundo o mesmo é unicamente possível dentro do Brasil. Este pensamento remete ao conceito central do romantismo do século XIX que visava o rompimento da cultura brasileira com os traços luso-europeus, além de tentar criar no índio uma imagem de indivíduo símbolo da nação e que mais tarde nas mãos de dos nortistas passou a ver no sertanejo este ser autenticamente nacional.

Além desta característica é clara a importância de Gustavo Barroso para o estudo do sertão no tocante do aspecto geográfico e folclórico local, onde o meio é responsável pela construção da imagem do ser vivente na faixa seca distante da costa brasileira, onde deste e novamente da miscelânea racial se desenvolve os hábitos que compõem o sertão.

Outro e não menos importante ponto de sua obra foi o estudo do banditismo, que foi realizado por uma perspectiva histórica e social, fazendo de sua obra um importante documento de crítica social, assim como *A Fome* de Rodolfo Teófilo, o mesmo tece diversas críticas à atuação pública e mostra que através da mesma que em grande parte das vezes é que surge o cangaceiro, a violência do sertão, e que por outro lado, o meio é responsável por tal, realizando busca em textos de diversos sociólogos para justificar seu posicionamento com relação ao mesmo.

Então, concluo que Gustavo Barroso é um forte nome dentro deste meio de estudos, tendo sua obra importância para os estudos do misticismo, do banditismo, além do geográfico, histórico e sociológico dentro do sertão, e que o mesmo conseguiu mesmo muito jovem reinventar um modelo literário bastante explorado e que tinha grandes nomes dentro de si,

assim compreendendo o porquê de tal empolgação nas críticas realizadas por críticos e leitores na época em que suas obras vieram a ver a luz do sol.

## **Anexo**

Seguimos para Viçosa,  
Numa manhã de verão,  
Ambos bem prevenidos  
De comida e munição.  
Passámos allitres dias  
Sem ter uma alteração.

No sabbado, fomos à feira,  
Mas tive uma discussão.  
Eu disse logo ao cabôclo:  
- Quem está aqui é Lampeão!  
Si quizervêr, ameace,  
Mostre a mim o seu braço!

O cabôclo veio a mim,  
Bati a mão ao punhal,  
Gritei pra elle,: - Avance!  
Você hoje toma sal!  
Com duas ou tres furadas,  
O cabôclo gemeu: - Qual!...

Ahifui cercado logo  
Por um cabo e dois soldados.  
O companheiro fugio,  
O que me encheu de cuidados.  
Todos elles de carabina,  
Vinhão mesmo avexados.

Trabalhei quasi uma hora,  
Me vi um pouco enrascado,  
Com menos de dez minutos  
Deixei deitado um soldado.  
Tentei correr mas não pude:  
Continuei no riscado!...

O cabo gritou à força:  
- Peguemos este ladrão!  
Este individuo parece  
Ser o tal de Lampeão!

Eu disse: - Sou elle mesmo!

E augmentou a confusão.

Eu apressei os manejos,

Arranquei minha pistola,

Atirei logo na força

E foi mesmo uma carambola.

O chumbo pegou de córte

Que só fez rasgar a gola...

Mas ficaram atordoados

Com semelhante perigo,

E o cabo acreditando

Que já estava ferido,

Avancei com meu punhal,

Logo ouvi mais um gemido!

Depois de tanta peleja,

A força foi recuando,

Eu tambem dei o meu fóra,

Pois já estava tardando.

Saí numa disparada

E a força ficou me olhando.

Alli eu não quis ficar,

Nem procurar companheiro,

Poselle me deixou só,  
Antes de vêr o berreiro,  
Me deu trabalho e foi muito;  
Precisou ser mais ligeiro.

Saí dalli com vontade  
De ir á feira da Matinha,  
Bem perto do meu logar  
A caça era mesquinha,  
Pois o povo muito manso  
Medo de min tudo tinha.

Mas alli sempre aprecem  
Alguns valentões de fóra.  
Eu já estava prevenido  
Pra brigar em qualquer hora,  
Não perguntava com quem,  
Pois comigo não demora.

Almas de lama e de aço pag 100-103

## REFERÊNCIAS

1 de 4 - Perfil - Gustavo Barroso. <<https://www.youtube.com/watch?v=W-bel-HAGGg>>  
Acesso em: 20/02/2017

2 de 4 - Perfil - Gustavo Barroso. <<https://www.youtube.com/watch?v=qnEnCnDrI5o>> Acesso em: 20/02/2017

3 de 4 - Perfil - Gustavo Barroso. <<https://www.youtube.com/watch?v=NzpE0ibUDIs>>  
Acesso em: 20/02/2017

4 de 4 - Perfil - Gustavo Barroso. <<https://www.youtube.com/watch?v=PnJt6LEKrHM>>  
Acesso em: 20/02/2017

BRITO, Luciana. **A FOME: RETRATO DOS HORRORES DAS SECAS E MIGRAÇÕES CEARENSES NO FINAL DO SÉCULO XIX.** Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25763/18758> Acesso em: 18/06/2016

ALENCAR, José de. **O Sertanejo.** 5. Ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]

BARROSO, Gustavo. **Almas de Lama e de Aço.** 1. Ed. Rio de Janeiro: Comp; Melhoramentos de S. Paulo, 1928

BARROSO, Gustavo. **Heróis e Bandidos.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1931

BARROSO, Gustavo. **Terra de Sol.** 5. Ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956

BRITO, Luciana. **A FOME: RETRATO DOS HORRORES DAS SECAS E MIGRAÇÕES CEARENSES NO FINAL DO SÉCULO XIX.** Disponível em <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art8.pdf>> Acesso em:

CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/SP, 2002

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** São Paulo: Três, 1984. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>> Acesso em:

FERRERAS, Norberto. **FACUNDO NO SERTÃO: GUSTAVO BARROSO E O CANGACEIRISMO.** Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19147/10294>> Acesso em:

MENEZES, Eduardo Diatahy. **Gustavo Barroso: Um Cearense Ariano**, 1. Ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. **GUSTAVO BARROSO E A MISSÃO NACIONAL**<<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2011/paper/viewFile/859/408>> Acesso em:

MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Tecendomemórias. Gustavo Barroso e as escritas de si**.<<https://revistadiscentepghis.files.wordpress.com/2009/05/aline-montenegro-tecendomemorias-gustavo-barroso-e-as-escritas-de-si.pdf>> Acesso em: 21/02/2017

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.